



HERPESVIROSE EM RAPINANTES - REVISÃO DE LITERATURA (1915 - 2019)

Simpósio Animais Exóticos - Aves, 1ª edição, de 22/11/2022 a 24/11/2022

ISBN dos Anais: 978-65-5465-007-6

DOI: 10.54265/MHKR8218

GONÇALVES; Gustavo dos Reis¹, **IBELLI; Beatriz Caroline Cabral**², **JUNQUEIRA; Iago Vinícius de Sá Fortes**³

RESUMO

INTRODUÇÃO A predação, como a feita por rapinantes, pode atuar como fonte de transmissão de doenças infectocontagiosas se a presa for um hospedeiro e o predador for susceptível àquele agente. A alimentação a partir de columbiformes é uma importante fonte de transmissão de herpesvíroses em aves de rapina. A herpesvírose é uma doença cosmopolita, com altas taxas de mortalidade. Há preocupação global de transmissão, com cepas virais detectadas em múltiplas espécies de rapinantes globalmente. São causadas por vírus icosaédricos, envelopados, de DNA, pertencentes a subfamília Alphaherpesvirinae e gênero *Mardivirus*. Há especificidade entre famílias de rapinantes, sendo classificados em *Strigid herpesvirus* (StHV-1), *Falconid herpesvirus* (FaHV-1), *Acciprid herpesvirus* (AchV-1) e *Vulture herpesvirus* (VHV). Todos apresentam estrutura similar ao *Columbid herpesvirus* (CoHV-1).

OBJETIVOS Buscou-se revisar o tema herpesvírose em rapinantes, buscando descrições da doença quanto à sua etiologia, sinais clínicos, genética e achados *post mortem*, gerando uma revisão bibliográfica atualizada sobre a temática. **MATERIAIS E MÉTODOS** Através das bases de dados de plataformas de revistas científicas *online*, foi realizada uma pesquisa sobre a ocorrência natural de herpesvírus em rapinantes e suas características filogenéticas, epidemiológicas e patológicas. **DISCUSSÃO** Os herpesvírus são filogeneticamente divididos em subfamílias de acordo com o genoma viral e os hospedeiros acometidos. Apesar da proximidade entre os grupos de cada gênero, a patologia e sinais clínicos são variáveis. É comum encontrar apatia, fadiga, inapetência, tremores, sonolência, encorujamento, diarreia e oftalmopatias. O vírus possui latência, de ativação estresse-dependente, como em outras espécies acometidas por herpesvíroses. O diagnóstico, mesmo com latência, é através de reação em cadeia da polimerase (PCR) de *swab* orofaríngeo ou cultura e isolamento viral seguido de eletromicroscopia com amostra de *swab* cloacal. Testes de imunofluorescência também são sensíveis. Entre

¹ Centro Universitário do Sul de Minas, rgoncalves.gu@gmail.com

² Universidade Brasil / Campus Descalvado, biaibelli50@gmail.com

³ Instituto Espaço Silvestre, iagoviniciusjunqueira@gmail.com

1915 a 1965, estudos comparativos com semelhantes achados anatomopatológicos em strigiformes no continente europeu e americano foram sugestivos da doença. Posteriormente, reportaram-se novos casos, mas sua etiopatogenia segue não elucidada completamente. Entretanto, sabe-se que o vírus tem hepatotropia, desenvolvendo-se sem apoptose celular. Sugere-se que atravessem a parede celular para células adjacentes, culminando em necrose com corpos de inclusão Cowdry, observada necroscopicamente em tecidos retículo-histiocitários. No entanto, outras formas da doença já foram relatadas, como a hepatoesplenite em Strigiformes (HSiS). Comparando o CoHV-1 com os vírus de rapinantes, observa-se similaridade genética, sugerindo que a columbofagia possa ter papel transmissor. No entanto, rapinantes já foram diagnosticados com *Gallid herpesvirus* (GaHV-2), impedindo a afirmação de que Columbiformes são a única fonte de transmissão. Em pouco mais de 100 anos, observou-se baixa morbidade relativa, com relato de 227 casos entre 1915 e 2019. Sugere-se que este baixo número de relatos tenha correlação com uma alta taxa de subnotificação e subdiagnóstico. Recomenda-se o estudo dos rapinantes e de suas principais presas na tentativa de determinar a morbidade real da doença, bem como sua importância epidemiológica. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** A herpesvirose em rapinantes demonstra ser uma patologia importante, mas que necessita melhor investigação clínica para determinar seu verdadeiro impacto sobre as populações de rapinantes silvestres, tanto devido ao potencial patogênico já constatado, como por seu subdiagnóstico clínico.

PALAVRAS-CHAVE: Hepatoesplenite infecciosa, Alphaherpesvirinae, Accipitriformes, Strigiformes, Falconiformes